

Fiesp: 25 mil podem ser demitidos.

A entidade volta a defender o abono para quem ganha até três mínimos e manifesta preocupação com o futuro dos 25 mil operários que estão em férias coletivas

Ao defender novamente a concessão do abono para os que ganham até três salários mínimos, o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato (foto), manifestou ontem, em Brasília, a sua preocupação com a perspectiva de que 25 mil trabalhadores que estão em férias coletivas em São Paulo possam ser demitidos, em decorrência do processo recessivo. Amato classificou o gatilho de "perverso", por beneficiar aqueles de maior renda salarial, e destacou que "o salário mínimo está muito baixo, isso não é justo".

"O País é viável. Basta que nos deixem trabalhar", alertou Mário Amato. Para ele, o novo plano econômico reativou algumas medidas, como o tabelamento e o congelamento "e apesar de sermos contrários, por princípio filosófico, a esse tipo de controle, a economia como um todo exigia uma ordenação, mesmo que viesse com alguns pontos contestáveis". No seu entender, não se pode fechar os olhos a algumas questões latentes que podem determinar o insucesso do plano "e uma delas, sem dúvida, é o déficit público".

Como complemento do plano do ministro Bresser Pereira, o presidente da Fiesp

afirma que é necessário a reativação das construções de baixa renda. Além disso, destaca a necessidade de reativar os consórcios e dilatar o prazo para o financiamento de veículos, acreditando que "a indústria automobilística foi muito sacrificada".

Mais férias

A Fiat Automóveis S/A deu início ontem às férias coletivas de dois mil empregados por 40 dias, período em que destinará sua produção exclusivamente ao atendimento do mercado externo. Segundo a direção da empresa, os sete mil veículos em estoque no pátio da fábrica, em Betim (MG), e mais os cinco mil na rede de concessionárias deverão ser suficientes para atender ao mercado interno por cerca de 90 dias, caso permaneça o atual ritmo de vendas. A produção, que se vinha mantendo irregular, alcançando picos de até 550 veículos diários, será estabilizada agora em cerca de 400.

A direção da empresa informou que a decisão de conceder férias coletivas tem como objetivo evitar novas demissões, realizadas até o momento, segundo garantiu, não em decorrência do desaquecimento do mercado automobilístico, mas principalmente por motivos de ordem qualitativa. Em 18

meses, o quadro de pessoal da Fiat cresceu 31% com a contratação de 3.070 novos empregados, para atender ao aquecimento do ano passado, e muitos são metalúrgicos sem maiores qualificações. Assegurou a montadora que apenas estes, "que não se adaptaram à empresa", foram até o momento dispensados.

A Saab-Scânia também confirmou ontem oficialmente a concessão de férias coletivas de 13 a 25 deste mês, à quase totalidade dos cerca de 2.900 funcionários da produção e administração da empresa, instalada em São Bernardo do Campo. Com a decisão da Scânia, já totaliza mais de 26 mil o número de metalúrgicos que descansarão em média duas semanas, dando tempo às montadoras para escoar o excesso de estocagem, decorrente da estagnação do mercado.

Além da Scânia, as linhas de montagem da Ford e da Volkswagen Automóveis estão paralisadas desde segunda-feira e as da Fiat e General Motors desde ontem. A crise na comercialização interna de veículos, aliada ao locaute de 11 dias dos 4.005 revendedores de todo o País, acumularam mais de 30 mil unidades nos pátios das montadoras.

